

## *Solidão.*

São duas da manhã de um dia qualquer que eu não sei qual é e sinto-me terrivelmente mal, igual a todos os dias desde que me lembro existir. Viro-me para o lado. Acabei de acordar e a única coisa em que me consigo focar é na mesinha de cabeceira baixa e velha à minha esquerda, com um papel delicadamente disposto ao pormenor.” ...o coração aperta ao pensar nisso...”. Não consigo ler o resto e não me lembro de nada, só da sensação ao sentir a minha mão quase involuntariamente escrever esse desabafo uns dias antes. O meu coração acelera muito muito MUITO, como se fosse saltar do peito ou explodir ou evaporar. Levanto-me rapidamente da cama. Parece que fui empurrada porque sinto uma certa inércia no meu corpo. Saio do quarto e não reconheço nada, nem o meu próprio reflexo quando me olho no espelho do corredor. O espelho é comprido, sem fim, e a minha imagem prolonga-se infinitamente, como se bem lá no fundo eu ainda continuasse a existir ou como se mais fundo ainda eu me desintegrasse. Quem sou? A inércia do meu corpo aumenta gradualmente com o passar dos segundos. Penso no tempo. A senhoria ainda há uns dias pendurou aqui um relógio. A sua delicadeza fascina-me, a maneira como toca nas coisas e as torna leves. “Pouca coisa me fascina hoje em dia, sabe?”, lembro-me de a ver sorrir quando me ouviu dizê-lo. O relógio perdeu os ponteiros, parece muito mais antigo do que me lembrava. Perdi-me nos meus pensamentos... O que é que se passa? Ando lentamente e não me ouço respirar, parece que.... Sigo um rasto invisível, ténue, completamente impercetível, na verdade nem sei se lhe chamaria um rasto, mas sigo-o. Vou dar a um quarto pequeniníssimo no fundo do corredor, onde o espelho provavelmente encontraria o seu fim. Existo ou desintegro-me? Não sei como vim aqui parar, não há porta, teria sido impossível passar por onde quer que fosse, é um quarto fechado. Que sítio é este? Devia ligar à senhoria. Ouço a minha voz mas os meu lábios não se mexem. De repente fiquei muda. Tento gritar. Ouço-me outra vez mas os meus lábios continuam imóveis. O quarto fica cada vez mais pequeno e eu sou incontrolavelmente. Tento chegar ao telemóvel, mas não o tenho comigo, e mesmo que tivesse, quem me vinha ajudar? A senhoria deve estar ocupada e não tenho mais ninguém. Nunca tive mais ninguém. Passo a mão na testa numa tentativa inútil de limpar o líquido que sai dos meus poros. Não sinto a minha pele a tocar-se, apesar de saber que a mão e a testa se tocam. O meu corpo deixou de existir. Ouço ecoar a minha voz novamente no quarto: “...é como assistir progressivamente ao

próprio...”. A minha voz? Sinto-me encurralada, e claustrofóbica GRITO MUITO ALTO, mesmo sem conseguir, mesmo sem voz, e o quarto começa a desaparecer. Sinto o chão derreter sob o meu corpo, deitado inutilmente nesta maldita caixa gélida. O meu coração deixa de bater e sinto-me cair. Parece que estou num túnel, mas não é um túnel, não é nada, não tem limites, não sinto paredes nenhuma, nem a banal sensação de espaço. Caio no vazio (se se poderá chamar a isto vazio sequer). Sinto que estou aqui há dias. Quanto tempo passou? Penso em gritar, mas penso em vão, afinal para que vou gritar? Por quem? Com que voz? Com que peito? Finalmente sou parada pelo chão, e começo a ser sugada por ele, muito devagarinho, enquanto o ouço sussurrar baixinho: “...ao próprio funeral...”. O meu corpo fica submerso; as costas, os cantos da barriga, os pés, o pescoço, as bochechas. O meu corpo, pálido e sem vida, a ser enterrado. Onde estou? ... Sufoco de vez repentinamente, o ar é-me extraído dos pulmões já tão frágeis e eu deixo de existir. Sou nada. Como posso ser nada? Acordo do outro lado, onde estaria quem gritou ainda há pouco, uma segunda pessoa que não sendo eu sou tão eu como ainda há pouco o era. Escorre-me uma lágrima pelo rosto enquanto recupero todos os meus sentidos. Em cima do monte de terra que ainda há pouco me engoliu está um papel delicadamente disposto ao pormenor. “É como assistir progressivamente ao próprio funeral. O coração aperta ao pensar nisso... que já morremos de alguma maneira.”. Não tenho ninguém, nem a mim própria.